



Anais do Museu Paulista
ISSN: 0101-4714
mp@edu.usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

Costa de Oliveira Filho, José
O Monumento à Independência - Registros de arquitetura
Anais do Museu Paulista, vol. 10-11, núm. 1, 2003, pp. 127-147
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27315298008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Monumento à Independência – Registros de arquitetura

José Costa de Oliveira Filho

Arquiteto da COESF-USP e mestre em História Social pela FFLCH-USP

Graças ao cuidado do arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844 – 1915)¹ em arquivar documentos e inúmeros artigos de jornais relacionados às questões que envolviam diretamente sua pessoa e o Monumento à Independência do Brasil, e também à sua neta Maria Helena que soube ao longo dos anos conservá-los, foi possível realizarmos um resgate de fatos relevantes ao entendimento do edifício-monumento. A imprensa, tanto a paulista quanto a carioca, por vezes manteve contatos com Bezzi com o intuito de informar a sociedade das providências já tomadas e do que tratava o projeto em questão. As informações muitas vezes se repetiam nos vários periódicos. Deles destaca-se uma descrição do projeto, publicada no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro de 26 de novembro de 1884. A precisão das informações publicadas leva a crer na possibilidade do repórter ter reproduzido exatamente as palavras de Bezzi:

O edificio projectado mede 122m,50 de frente e é dividido em cinco corpos, que constão dos pavilhões extremos, medindo cada um 21m,50, sobressahindo 2m dos corpos reintrantes que tem de extensão cada um 27m,50. O corpo central, que mede 21m,50, sobresahe 11m, aos corpos reintrantes já mencionados. A architectura do edificio é verdadeiramente monumental; o embasamento, que mede 3m de altura, é substituido no corpo central por uma grande escada de 27 degraus, medindo o primeiro 35m de comprimento na frente e o ultimo, que serve de arremate á frente do patamar, tem a extensão de 25m. O patamar tem 25m de comprimento e 5m de largura.

O 1º pavimento acima do embasamento mede de altura 8m,70, tendo o corpo central um grande vestibulo de 24 columnas de ordem jonica e uma escada de marmore com tres braços. No vestibulo ha tres portas de frente e duas lateraes, medindo cada uma 3m,50 de largura, sendo ellas em arco e ornamentação rustica de ordem toscana. No centro das pilastras entrepostas ha trophéos e diversas inscrições patrias. Neste mesmo pavimento, nos corpos reintrantes já mencionados, notão-se entre arcos medalhões representando em baixo relevo os personagens que figurarão no notavel episodio da independencia. Os dous corpos reintrantes tem nos tres pavimentos uma galeria exterior

1. "Nascido em Turim, Itália, a 18 de janeiro de 1844, o engenheiro Bezzi formou-se na Universidade de Turim. Participou da campanha de unificação da Itália, atingindo o posto de tenente-coronel. Veio para a América do Sul no final dos anos sessenta, dirigindo-se primeiro ao Uruguai e depois à Argentina, onde exerceu a profissão de engenheiro e desenhou projetos de arquitetura. Chegando ao Brasil em 1875, continuou tais atividades. Casou-se com Francisca Nogueira da Gama Carneiro Bellens Bezzi. O ambiente que frequentou no Brasil incluiu personalidades como o barão do Rio Branco e seu pai, o visconde do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Quintino Bocaiuva, Ruy Barbosa, o príncipe Pedro Augusto e o próprio imperador. Por intervenção do visconde do Rio Branco, a Comissão Central do Monumento do Ipiranga convidou-o a apresentar um projeto para come-

morar a Independência do Brasil. Apesar do debate que a escolha provocou, por sua condição de estrangeiro e pelo caráter direto da indicação (desconsiderando dois concursos públicos), o projeto foi executado, com alguns cortes...". Ver: Maria José Elias. Resumos Biográficos. In: *As Margens do Ipiranga, 1890-1990*. Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1990, p. 27.

2. Viagem de Suas Altezas, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1884. Esta reportagem é extensa e rica em detalhes, na qual o repórter realiza um pequeno histórico dos fatos que antecederam a construção do monumento.

3. Segundo Vitruvius, quando se refere à orientação de templos, no capítulo V do livro quarto de sua obra *De Architectura*, os edifícios devem seguir sempre uma coerência e portanto devem ter uma orientação adequada. "A fim de que os templos dos deuses imortais tenham a orientação que lhes corresponda, estes deverão ser construídos de maneira que a esta orientação nada se oponha, o edifício e a imagem que do deus se coloque na cela olhem para o poente [oeste], para que assim os que chegam até ele para fazer suas oferendas ou sacrifícios olhem ao mesmo tempo para o oriente [leste] e a imagem que há no templo; desse modo, ao fazer suas preces, fixem seus olhares no templo e na região oriental do céu de forma que

de largura de 4m que comunica o corpo central com os pavilhões extremos. Os 2º e 3º pavimentos mostram na aparência ter só um andar, porque são ligados por grandes columnas e pilastras de ordem corinthia, sendo as columnas no corpo central em numero de 8, vendo-se nos corpos reentrantes e pavilhões as pilastras. Estas como aquellas medem 1m de diametro por 9 m de altura e estão sobrepostas em soccos. Tem ellas architrave, friso e cornija, e sobre esta em toda a frente do edificio ha uma platibanda da qual ao solo o edificio mede a altura de 26m, não contando as figuras allegoricas e vasos de ornamentação, que são por cima da platibanda.

As janellas do corpo central tem cada uma quatro columnas e quatro pilastras com architrave, friso e cornija. Sobre esta elevão-se na abertura central as armas do Império e nas lateraes as de São Paulo e do Ypiranga.

O corpo central é coroado por um grande frontão representando no tympano em alto relevo o facto grandioso da independencia. O aspecto geral do edificio é imponente e de grandioso effeito. É elle todo contornado por uma grande alameda de 30m de largura, tendo em frente uma vasta praça e no centro desta um grande obelisco de granito com ornamentação em bronze. Extensa avenida communicará o alto do Ypiranga com a cidade de São Paulo.² (FIGURAS 1, 2).

Esta descrição menciona uma galeria com três pavimentos, talvez porque Bezzi não tivesse até então concluído totalmente o estudo para o projeto final. Nota-se também que o arquiteto, desde o início, vislumbrava um projeto mais ambicioso (FIGURA 1) e completo que resultaria num *conjunto monumental*, envolvendo uma proposta de paisagem para o entorno do edifício e, ainda, a construção de um outro monumento ou obelisco ricamente ornamentado, que provavelmente dominaria a praça idealizada por ele, além do edifício-monumento, no alto da colina histórica. Neste estudo é possível notar a falta de informações sobre o local onde deveria ser construído o monumento. Encontrando-se no Rio de Janeiro, o arquiteto tratou de representar seu plano de forma "ideal". O problema veio a ser sanado mais tarde quando Bezzi foi contratado para desenvolver o projeto e coordenar as obras do monumento quando então o arquiteto realizou o levantamento topográfico e o projeto de terraplenagem para o local (FIGURA 2). O fato histórico definiu o posicionamento do monumento junto ao riacho do Ipiranga. A orientação seguiu o eixo norte-sul e a cota alta da colina possibilitaria vislumbrar a cidade, desde o monumento³.

Bezzi deveria preparar o projeto do edifício, tanto para atender às inúmeras solicitações da Comissão de Obras do Monumento do Ipiranga quanto para as necessidades diárias da obra em andamento. Já havia preparado, em 1882, um caderno completo com as especificações, preços e condições para a construção do edifício-monumento, assim denominado por ele⁴. Estas especificações sofreram modificações até pouco tempo antes do início das obras, motivadas pela necessidade da adequação do projeto às alterações "sugeridas" pela comissão e pelas próprias necessidades do arquiteto, surgidas durante o desenvolvimento e detalhamento do projeto. Bezzi, em carta ao barão de Ramalho, de 21 de março de 1885, comprometeu-se em realizar as modificações necessárias no projeto do edifício-monumento⁵. Contudo, declararia mais tarde não ter realizado modificações no projeto com o mesmo objetivo que lhe solicitou a comissão (FIGURAS 3 – 5).

O trabalho do arquiteto não se limitou apenas aos desenhos solicitados pela comissão. Realizou todas as quantificações e especificações dos materiais, bem como todos os cálculos estruturais e detalhes para as várias frentes que atuavam na obra. Estes detalhes e cálculos referem-se ao levantamento da área do terreno e implantação do edifício; às suas fundações, com avaliação das condições de resistência do solo; aos detalhes estruturais dos pisos, tanto de

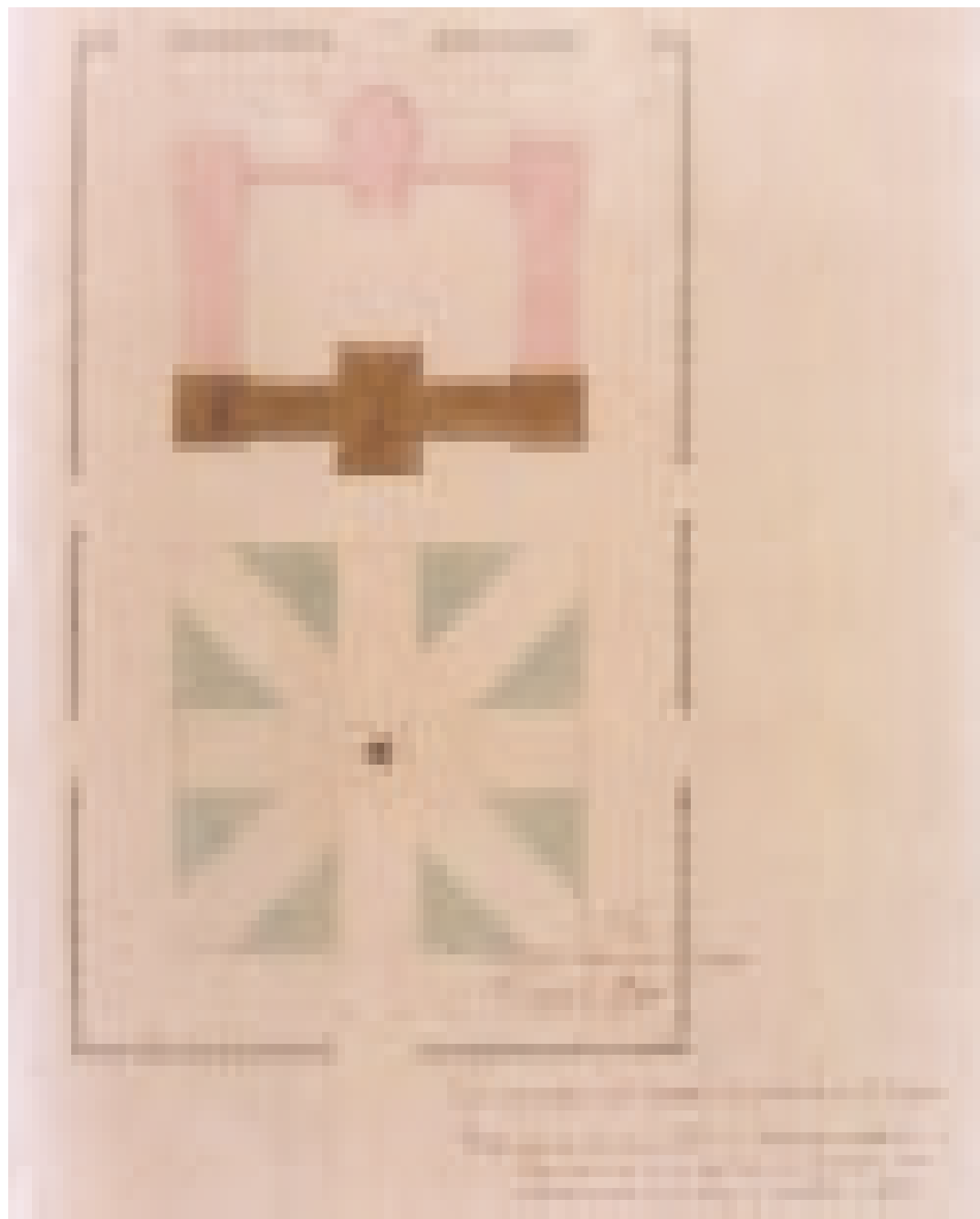


FIGURA 1 – Projeto de Bezzi, datado de 22 de janeiro de 1883, aprovado para as obras do Monumento do Ipiranga. *Obras monumentaes commemorativas da Independencia do Imperio. Planta geral das obras commemorativas do Ipiranga sendo em tinta preta as que vão ser construidas na actualidade e em tinta côr de rosa as que podem ser acrescentadas no futuro.* Acervo Museu Paulista da USP.

as imagens pareçam surgir com o sol e olhassem para aqueles que as invocarem e ofereceram sacrifícios. Por esta razão parece necessário que todos os altares dos deuses olhem para o oriente.

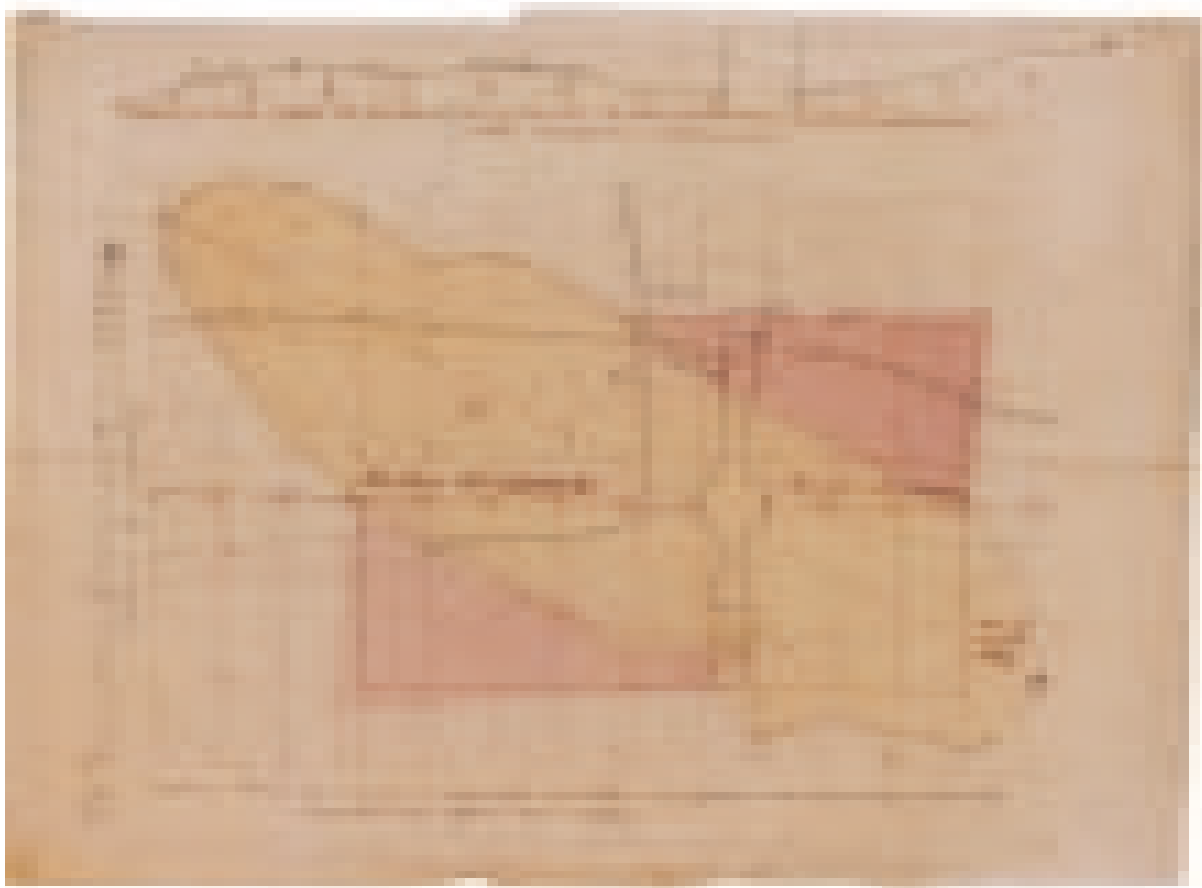
Mas se pela natureza do lugar assim não for realizado, então sua orientação se determinará de modo que desde o templo se vislumbre a maior parte da cidade, e ainda, se o templo estiver às margens de um rio, como ocorre no

madeira quanto de tijolos e ladrilhos hidráulicos; aos sistemas estruturais auxiliares; às estruturas de ferro e madeira para as coberturas; às modulações; a todo o conjunto decorativo e ornamental, etc. Bezzi não possuía então uma estrutura que lhe permitisse delegar funções para a realização desses serviços. Ademais, sua formação, como era definida naquele momento, proporcionava amplos conhecimentos ao profissional, o que significava capacidade de desenvolvimento completo de projetos, desde a idéia inicial até cálculos, custos e obra.

Aparentemente Bezzi trabalhou de forma solitária na preparação de todo o detalhamento necessário à execução do edifício:

Tivemos ha dias ensejo de examinar detidamente os trabalhos de escriptório relativos ao edificio que se trata de erigir no Ypiranga.

Trabalho de escriptorio chamamos a planta e todos os preparativos technicos que o engenheiro da commissão do Ypiranga, sr. Thomaz Bezzi, tem em mãos.



Todo esse trabalho concernente ao plano, mesmo antes de passar do papel e do mundo geométrico para a realidade, é vastíssimo e colossal.

O ilustrado engenheiro, pôde-se dizer, a custa de paciente e prolongado trabalho, está levantando no papel o grandioso palácio. Basta notar que em tais conjecturas cabe ao engenheiro o encargo de traçar no papel, em tamanho natural, a maior parte das peças de adorno ou trabalho de escultura.

Em rigor o sr. Bezzi vai dar a sua obra em três edições: e por fim a verdadeira edição de tijolo e cimento.

O sr. Bezzi, auxiliado por um operário profissional, está preparando um fac-símile do edifício em gesso, e por estes poucos meses pretende expô-lo aqui e na corte.

Este modelo em gesso, com mais de 5 metros de frente sobre um e tanto de altura, representará o edifício em todas as minudências, columna por columna, fuste por fuste, florão por florão. O palácio em miniatura.

O que desde já se pôde asseverar é que o edifício do Ypiranga será um soberbo palácio, esplendida e grandiosa obra de arte e nesse ponto de vista um dos mais notáveis monumentos de architectura no Brazil. [...]º.

Ao mesmo tempo, deveria elaborar relatórios, prestar serviços extras de demarcações das áreas do governo onde se localizava o edifício, esclarecimentos quanto ao andamento das obras, de que era o engenheiro-chefe, além de estar envolvido na confecção da maquete em gesso, do palácio – modelo do edifício que viria a se tornar outro item para muitas contendas entre Bezzi e a comissão.

Egito com o Nilo, o templo deve olhar para esse rio. Igualmente, se estivesse próximo de caminhos públicos, ha de orientar-se de modo que todos quanto por ali passem, possam voltar seus olhos para o templo e fazer de frente suas reverências." Ver: Marco Lucio Vitruvio, *Los diez libros de arquitectura*, 1986, Editorial Ibérica, p. 98.

4. Este caderno de especificações diz respeito à primeira proposta, e mais tarde foi modificado conforme a proposta final executada. Bezzi também se referia ao edifício como PALÁCIO.

5. Carta manuscrita de Bezzi ao barão de Ramalho

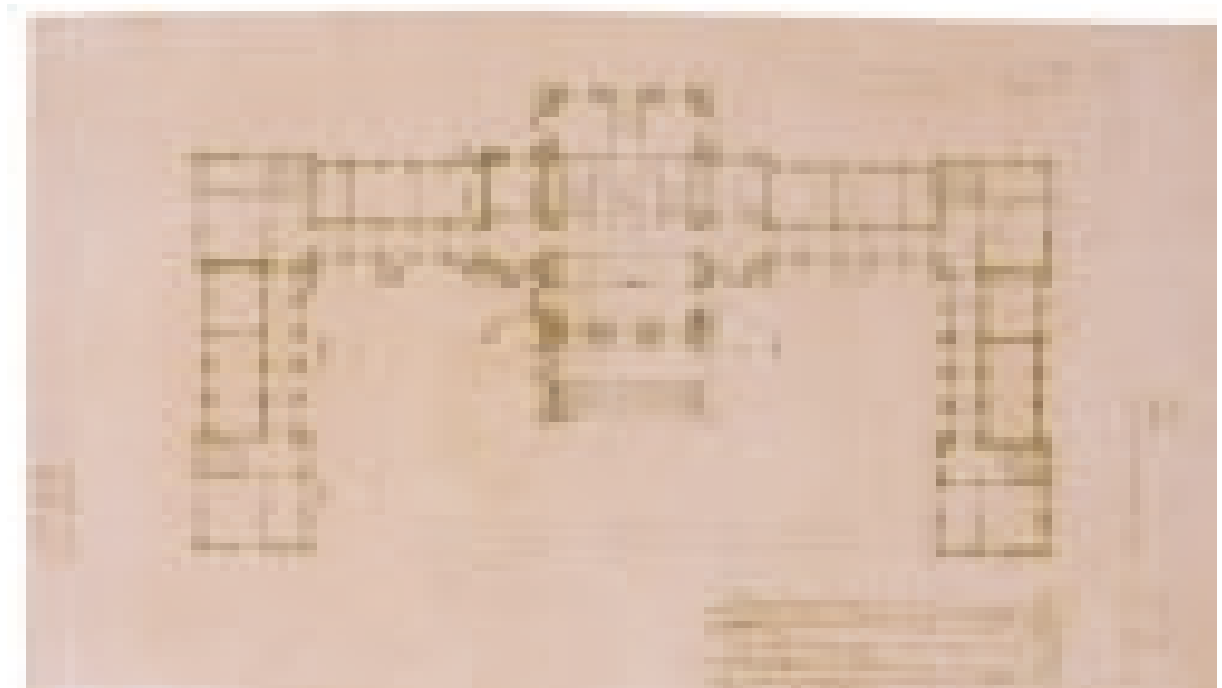


FIGURA 3 – Estudo de planta para o Monumento à Independência (sem data). Acervo Museu Paulista da USP.

em 21 de março de 1885
(pasta 2) — Coleção Bezzi,
SVDHICO do MP-USP

6. Monumento do Ypiranga, *Diário Popular*,
São Paulo, 29 de outubro
de 1885

7. Coleção Bezzi —
SVDHICO do MP-USP

A qualidade de construção foi um fator intrínseco ao pensamento arquitetônico de Bezzi, o que se pode notar desde a concepção do projeto, quando relacionou os materiais e quantidades constantes na publicação *Especificações, preços e condições para acompanhamento das obras do Monumento do Ypiranga*⁷.

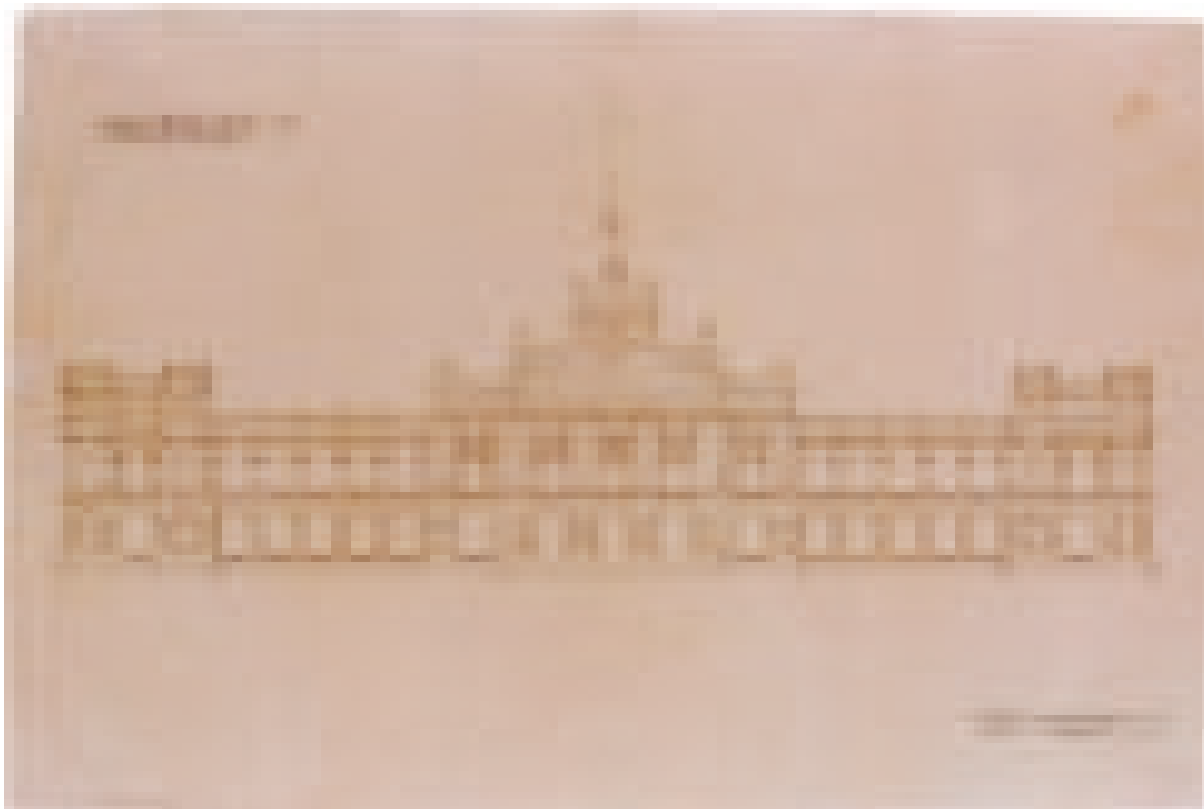
A partir de uma reportagem de 5 de maio de 1886, pode-se ter uma idéia do andamento da obra e de como trabalhavam os operários:

[...] Vimos o projecto e trabalhos, já realizados, do grande edificio que se está construindo no lugar em que Pedro I levantou o grito "Independência ou morte".

O monumento do Ypiranga é um edificio de 123 metros de frente, planeado pelo architecto Bezzi e construido sob sua direcção. [...]

[...] Pelo lado artistico, o edificio que se está construindo é um verdadeiro monumento, e estão distantes delle todos os mais que com este titulo se encontrão no Brazil.

Tem aspecto grandioso e severo e está disposto por fórma que se pôde augmentar ainda, sem damno da harmonia architectonica geral. A frente do corpo central, que mede 25 metros e tem 11 metros de saliência, é soberba e magestosa. As quatro



galerias, duas no pavimento térreo e duas no primeiro andar, apresentam uma visual de 90 metros, o que produz bello effeito de perspectiva, com a sua infinidade de columnas e abobadas.

No átrio ha 24 columnas de ordem Jonica, tendo de diametro 0^m,65. A escada nobre é toda de marmore e tem 46 degráos para galgar uma altura de 6^m,94. Cada degráo tem 3m,30 de comprimento.

A altura total do corpo central, comprehendido o attico acima do frontão é de 31 metros. As columnas que sustentão o frontão tem 0^m,92 e são da ordem Corinthia.

Em resumo, para não me deter demasiadamente em minucuiosa descripções, o edificio-monumento é a pagina mais brilhante da nossa architectura e honra tanto o architecto Bezzi, como os que lhe confiarão semelhante obra.

Os alicerces e o pavimento terreo estão já construidos. O tijolo, de contextura homogenea e grande dureza, é trabalhado á mão, fazendo-se nelle, como se fôra ficar a descoberto, todas as molduras com uma perfeição de que só tem o segredo os operarios italianos. Trabalhão na obra cento e tantos operarios, numero que mais tarde deve augmentar, quando a distribuição do serviço o permitir. Um plano inclinado, de grande extensão e movido por vapor, leva os materiaes ao alto do morro. Espera-se que seja o escultor Bernardelli o encarregado de modelar a estatua de D. Pedro I e as outras que hão de decorar o edificio, que se poderá, dentro em pouco, apreciar pelo modelo em relevo, que esmeradamente está fazendo o Sr. Bezzi.

Em frente ao edificio projecta-se uma grande praça com obelisco e duas avenidas de grande extensão, que darão ainda mais relevo áquelle magestoso monumento, que será um dos desvanecimentos e glorias da provincia de S. Paulo⁸.

8. Monumento do Ypiranga, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1886. É importante este registro, pois nele se percebe o trabalho que os operários desempenhavam no canteiro de obras, entalhando os tijolos para que os mesmos configurassem, já no seu assentamento, as cornijas, colunas e os muitos frisos.

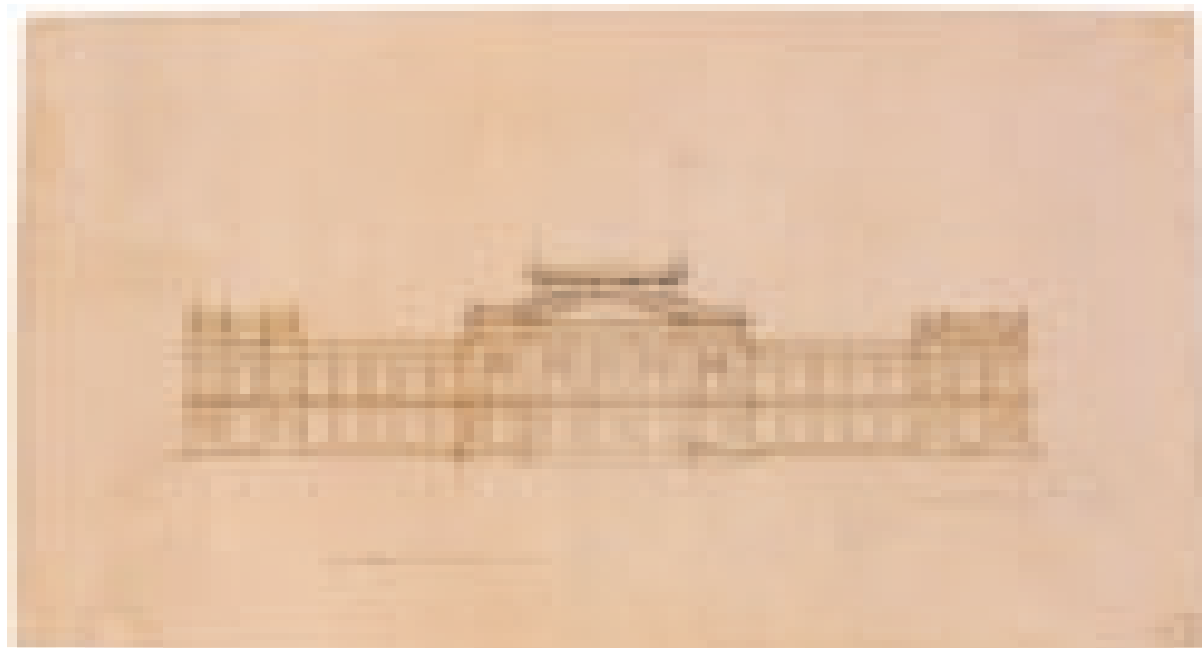


FIGURA 5 – Estudo de fachada para o Monumento à Independência. Grafite sobre cartão (sem data). Acervo Museu Paulista da USP.



O mesmo jornal registra, por ocasião de uma visita de D. Pedro II a São Paulo meses depois, o estado em que se encontravam os trabalhos no canteiro de obra:

9. Excursão Imperial. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1886.

[...] Da Faculdade [de Direito] voltou Sua Magestade para o palacio e, depois de pequena demora, foi visitar o monumento do Ypiranga.

Nessa visita acompanháram Suas Magestades, além dos semanarios e da dama, os Srs. Ministro da agricultura, presidente da provincia, Condes de Tres Rios e de Itu, conselheiro Ramalho, coronel Rodovalho, Dr. Lopes Anjo, delegado de policia e outros senhores.

Recebido pelo Sr. Bezzi, encarregado do monumento, percorreu-o Sua Magestade em todas as direcções, subindo aos pontos mais elevados e indo depois com Sua Magestade a imperatriz até ao lugar onde out'ora uma ligeira edificação, de que existem hoje sómente os alicerces.

O caminho da cidade ao Ypiranga, embora não seja mau, é tortuoso. Sua Magestade manifestou a opinião de que se devia fazer uma avenida que partindo do eixo do monumento fosse em linha recta á capital.

Essa avenida que deve terminar no Braz, terá cinco kilometros de extensão e será de um bello effeito, se para as edificações adoptar a municipalidade um plano conveniente.

Os que estão encarregados da construção do monumento envidarão sem duvida todos os esforços para que se leve a effeito esta idea. Assim a capital de S. Paulo ostentará além de muitos outros, mais esse importante melhoramento, que muito a embellezará.

No jornal de 5 de Maio, está publicada a descripção do monumento, por tanto pouco tenho a acrescentar. Não haverá alli sómente um muséo de physica, mas um instituto de sciencias physicas e naturaes. A planta apresentada pelo Sr. Bezzi a Sua Magestade, contém os augmentos de que falla a noticia referida, e esses augmentos constão de duas alas lateraes, da mesma architectura das existentes, e que terminão por torreões iguaes aos da frente, vindo todo o edificio a formar um E.

Estão concluídos os alicerces-embasamento, o pavimento térreo e quatro metros e meio nos corpos lateraes do segundo pavimento. Os vigamentos do pavimento térreo e do 1º andar já estão assentados. Além de outros operários, estão alli trabalhando 160 pedreiros. Todos os modelos em relevo estão promptos e apenas falta arma-los. O Sr. Bezzi mandará um modelo para a academia das Bellas Artes, outro para a exposição de Veneza, deixando um aqui e guardando para si outro.

A caixa da escada tem 21 metros de frente por 10 de fundo, o patamar combina com as galerias lateraes que por elle reunidas – terão a extensão de 90 metros. A decoração interior segue as mesmas linhas da exterior. Razão teve o escriptor da noticia publicada no Jornal: o magestoso monumento do Ypiranga será um dos desvanecimentos e glorias da provincia de S. Paulo.

Por outro lado, a comissão de Obras do Monumento do Ipiranga, por intermédio de seu presidente o barão de Ramalho, constantemente solicitava esclarecimentos a Bezzi sobre o andamento das obras, qualidade e prazos. Em resposta a um destes officios escreveu Bezzi, em 14 de agosto de 1886, que os materiais empregados pela empresa eram iguais em qualidade ao que de melhor havia na capital, e que a obra era executada com toda a perfeição recomendada nas especificações e no contrato de empreitada. Dizia ainda que:

[...]

Os muros do pavimento terreo externos e internos n'esta data, já attingirão em muitos pontos o nível do 1º pavimento; sendo este nível 8m,795 acima dos alicerces. A altura que falta aos outros muros para attingir o nível acima mencionado é de 0m,37 que é a espessura da metade da metade da cornija, ahonde vão collocadas as lages de cantaria que formão o balance da mesma. [...] O modello do monumento do Ypiranga está bastante adiantado, tendo já quasi todos os modellinhos prontos, faltando agora fazer-se as formas dos mesmos, para depois fundi-los e monta-los com a competente armação de madeira. Enquanto ao tempo que ahinda duraria a construcção do mesmo, não posso precisar, dependendo esse serviço do número de operários empregados e do local espaçoso e apropriado para monta-lo e expo-lo, local que ahinda não tenho. [...]

10. Carta manuscrita de Bezzi ao Barão de Ramalho em 14 de agosto de 1886 (pasta 3) – Coleção Bezzi, SVDHICO do MP-USP.

11. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 de novembro de 1886.

12. *Correio Paulistano*, São Paulo 19 de novembro de 1886.

O esculptor Com. Rodolpho Bernardelli foi encarregado de executar na mesma escala do modello que estou fazendo e segundo as minhas indicações as figuras e grupos allegoricos decorativos que devem servir de complemento ao mesmo.

Na minha ultima viagem a Côrte verifiquei que os trabalhos estavam bastante adiantados, esperando estar todo acabado nestes 2 mezes. [...]

No correr das obras informarei a V.E. tudo quanto julgar conveniente que se faça para que o edificio corresponda perfeitamente a seus fins¹⁰.

Pode-se supor que o envolvimento do arquiteto com seu projeto era intenso. A exigência de sua dedicação exclusiva às *coisas do monumento* e o seu cuidado em estudá-lo minuciosamente a partir da confecção esmerada do modelo do edificio em gesso o teriam levado a apaixonar-se por esse trabalho e a lutar constantemente para finalizá-lo. Bezzi vislumbra-o como sua obra-prima.

Dias mais tarde, em outra viagem do imperador Pedro II a São Paulo, Sua Alteza visitou a residência do arquiteto, único lugar disponível para que este desenvolvesse e executasse o modelo em gesso do edificio-monumento. Nesta ocasião, "o imperador dignou-se não poupar elogios, já pelas notáveis aptidões artisticas reveladas por seu auctor [...]"¹¹.

O mesmo repórter do *Correio Paulistano*, presente à visita real, de forma muito feliz pôde assim se referir à parte central da maquete cuidadosamente exposta:

O Sr. Bezzi dispoz em boas condições artisticas o seu bello trabalho.

Em um compartimento interior da casa, no qual se interceptou a luz do dia, dispoz, sobre um estrado de 1m 50 de altura, a parte montada do modelo. Esta, era illuminada por uma lampada de reflector que projectava raios de luz em 45° grãos, isto é, semelhando, segundo as convenções, a luz solar.

O effeito produzido era dos mais felizes. As escadarias, as balaustradas, os terraços, as columnas corynthias sustentando o frontão destinado ao alto relevo do episodio historico da Independencia, a solida architectura do rez do chão, a harmoniosa delicadeza de linhas do pavimento nobre, ornado na sua propria singeleza, os mil detalhes dos capiteis, o trabalho das cornijas, enfim, a conjuncção das sombras, ultima e mais elevada aspiração da perspectiva architectonica, tudo isto posto em evidencia pela exposição da parte central do monumento.

Fazemos votos para que o trabalho total de modelação do edificio possa dentro de breve praso chegar ao seo termo.

Si jamais fomos partidarios de um projecto que se fundava em loterias, certo que levaremos a saldo da conta daquelles que não pensam da mesma forma, tudo quanto possa directa ou indirectamente contribuir para o desenvolvimento das artes neste paiz.

Ora a modelação do monumento constituirá em um cabedal artistico digno de ser cercado de todas as facilidades para a sua conclusão e conservado em honra á arte nacional.

O modelo depois de concluido, terá sempre logar assignalado entre as parcas collecções de nossas artes plasticas, e poderá facilmente attestar aos centros civilizados uma idéa dos incipientes e já adiantados recursos da mão de obra intelligente que se podem encontrar em terras do Brazil¹².

As repercussões do trabalho de Bezzi iam cada vez mais além, avivando a sensibilidade da crítica, que se entusiasmava diante da beleza da arte arquitetônica que florescia. Ainda sobre o fato da primeira exposição pública da maquete outros escreveram:

O distincto engenheiro das obras do Ypiranga, sr. Thomaz Bezzi, como é sabido, ao mesmo passo que preside construcção do palácio-monumento na collina do Ypiranga, de accordo com a planta por elle traçada, está preparando um modelo em gesso do edificio, imagem viva e mathematicamente exacta do monumento, reproduzindo o todo

em seu aspecto geral e nos mínimos pormenores, desde os traços capitães até aos mais pequenos florões e rebarbos dos frontaes e cornijas mais insignificantes. O modelo deve medir cerca de 5 metros de frente sobre 1 metro e tanto de altura. Já está prompto e montado o grande pavilhão central da fachada principal do edificio, que consta de tres corpos salientes.

Este trecho do modelo foi montado na casa do engenheiro Bezzi em condições apropriadas, de modo que visto a noite, sob a luz de um forte lampeão de reflector, produz magnífico effeito, dando cabal idéa do que ha de ser o monumento, visto em todos os detalhes, inclusive o magico e grandioso contraste das sombras a fazerem ressaltar em harmoniosa saliencia a brancura das columnatas, graciosas cornijas e de mais elementos que constituem o que se chama *a musica das linhas, a alma da architectura*. Esta parte do modelo foi montada para que fosse vista e apreciada pelo imperador e membros de sua comitiva, que de tal arte já fizeram idea ao vivo do que ira de ser o monumento.

Nestas ultimas noites tem sido visitado o bello trabalho do sr. Bezzi por muitas pessoas, sendo geral o reconhecimento do grande valor architectonico da esplendida obra, que depois de concluída sera na presente geração o primeiro e unico monumento architectonico do Brazil e mesmo da America do Sul¹³.

Também se escreveu que o modelo em gesso do monumento do Ipiranga é

[...] uma artística miniatura do grande poema de pedra que o architecto-poeta está burilando no solo sagrado da independência nacional. Uma lâmpada de reflector projectava seus raios luminosos em cheio sobre o pavilhão central, n um aposento onde fôra cuidadosamente interceptada a luz do dia; o effeito maravilhoso; parecia que o sol dourava as escadarias, as balaustradas, os terraços e as columnatas corynthias. — Havia ali a musica das linhas, a alma da architectura¹⁴.

Provavelmente, nesse momento Bezzi sentiu-se orgulhoso de seus esforços, pois as críticas favoráveis ao seu trabalho cresciam na mesma proporção em que era possível vislumbrar o edificio em construção que, em novembro de 1886, atingia catorze metros de altura.

As obras transcorriam com os problemas costumeiros da atividade. Pequenos atrasos, falta de alguns materiais, por vezes, algumas solicitações para sua substituição e a insistência do barão de Ramalho em fazer modificações¹⁵.

Ainda assim, continuou Bezzi preocupando-se insistentemente com os muitos detalhes que deviam ser desenvolvidos para o prosseguimento, da melhor forma possível, das obras do Monumento:

[...] seria altamente conveniente que fossem tambem executadas as columnatas semicirculares que limitão a praça principal do Monumento e respectivo monumento central, afim de que a todos fique patente o aspecto geral do Monumento, tal qual deverá ficar quando estiver completamente acabado, no intuito de assim claramente mostrar a Ex. Com. o modo pelo qual desempenhou-se do seu difficil e honroso encargo¹⁶.

A imprensa italiana no Brasil dedicava-se a tecer comentários elogiosos, enobrecendo a figura do arquiteto e sua obra¹⁷. O *Corriere D'Italia*, por ocasião da possibilidade de Bezzi vir a ser encarregado de projetar um monumento em homenagem a José Bonifácio em São Paulo, escreveu:

Honra ao Mérito

Reconhecendo plenamente, a Comissão organizadora do monumento a dedicar-se à memória de José Bonifácio, os méritos [...] do Arquitecto Eng. Cav. Sr. Tommaso Bezzi, o encarregava do desenho do monumento.

É com prazer que um respeitável compatriota nosso seja merecedor de nobre prova de consideração — devido à habilidade — manifestada [...] a minha opinião: que o trabalho confiado ao exímio Cav. Bezzi, resultará em excelsa obra de arte, em tudo

13. O Palácio-Monumento do Ypiranga, *Diario Popular*, São Paulo, 22 de novembro de 1886.

14. Viagem Imperial, artigo de Mucio Teixeira, *O Paiz*, Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1886.

15. A presença constante do Barão de Ramalho durante as obras ficou, uma vez mais, registrada em documento. Carta de Luigi Pucci a Bezzi de 28 de julho de 1889 (pasta 1) — Coleção Bezzi, SVDHICO do MP-USP.

16. *Id.*, *ibid.*

17. Il monumento d'Ypiranga ed il cav. ing. Tommaso Bezzi, *Corriere D'Italia*, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1886 e de 20 de fevereiro de 1887; *Gli Italiani al Brasile*, São Paulo, 19 de novembro, 11 de dezembro e 15 de fevereiro de 1887; Monumento, *La Voce del Popolo*, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1887.

18. Onore al merito, *Corriere D'Italia*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1887.

19. Essencialmente brasileiro, *A Província de São Paulo*, São Paulo, 4 de dezembro de 1887.

20. Boletim — S. A. o sr. conde d'Eu — *Correio Paulistano* — São Paulo, 27 de março de 1889.

21. Telegrammas — Rio, 2, às 4,55 — *Diário Mercantil* — São Paulo, 5 de agosto de 1889.

22. Carta manuscrita de Bezzi ao barão de Ramalho, de 19 de agosto de 1889 (pasta 4), — Coleção Bezzi, SVDHICO do MP-USP.

23. *Id.*, *Ibid.*

24. Carta de Bezzi ao secretário do Interior de 20 de julho de 1889 (pasta P1) — Coleção Bezzi, SVDHICO do MP-USP.

digna de fazer comparação com o célebre Monumento do Ypiranga.

A Colônia Italiana pôde sentir-se orgulhosa de contar entre os seus componentes pessoas que ilustam com a força de seu talento e de sua obra de arte; desejando cresça sempre a falange de homens eleitos do valor do Engenheiro Cav. Bezzi. Honra portanto ao verdadeiro mérito¹⁸.

Por sua vez, a imprensa ligada a ideais republicanos e, portanto, contrária a Bezzi, seguia a linha de comentários pelo caminho da “qualidade dos materiais” utilizados na obra. Não podendo negar o caprichoso trabalho realizado, seus detalhes ornamentais e a talentosa mão-de-obra utilizada, questionava a qualidade das telhas que estariam sendo escolhidas pela comissão responsável pela obra, o que obviamente envolvia o engenheiro chefe das obras¹⁹.

Bezzi recebeu o conde D'Eu em março de 1889, o qual se mostrou defensor, assim como Bezzi, de se efetivar a execução dos relevos decorativos destinados ao frontão do edifício²⁰.

Atrasos e problemas com materiais que deveriam chegar da Europa comprometeram ainda mais os prazos estipulados para a obra. É nesta época eram evidentes as dificuldades para a sua conclusão. Esperava-se a inauguração do Monumento em 7 de setembro de 1889. Sua Majestade, o imperador D. Pedro II, aguardava ansioso o fato, desejoso de que houvesse grandes festas na capital da Província de São Paulo²¹.

A inauguração teve que ser adiada porque faltavam alguns detalhes que deveriam ser concluídos. Bezzi escreveu ao barão de Ramalho:

[...] em razão de não terem chegado alguns materiais (grande escada de mármore) encomendados na Europa nem podermos esperar que cheguem a tempo de serem utilizados até o dia 7 de setembro vindouro, o edifício não pôde ficar concluído n'essa data, faltando ainda assentar a grande escada de mármore, os pavimentos ladrilhados do atrio e das galerias inferiores e superiores, devendo estes serem os últimos serviços a realizar-se [...]²².

Bezzi referiu-se ainda a outros itens a serem terminados, afirmando que as obras estariam concluídas até 31 de dezembro, e que a partir desta data poderia ser fixado o dia de inauguração do Monumento:

Cumpr-me ainda ponderar a V. Ex. que quanto as obras já autorizadas que acima indiquei, terminadas, como ficarão em 31 de dezembro, todavia faltar-lhes-á o complemento decorativo já projectado, como sejam estátuas grupos allegóricos decorativos da parte superior do corpo central, altos relevos dos grandes tympanos respectivos e pinturas adequadas no atrio, caixa de escada, salão de honra e interior das galerias. Quanto, porem, ao projecto geral na forma por mim confeccionada, comprehende elle, alem das construcções actualmente autorizadas, mais dois corpos iguaes aos lateraes, projectados perpendicularmente aos mesmos já existentes, de modo que a construcção total do Monumento venha a ter a forma de um E na sua frente principal, e bem assim galerias terreas que, partindo das frentes lateraes dos pavilhões, venhão a circunscrever a praça principal, em cujo centro deve ser erigido um monumento commemorativo. Restará, finalmente, realizar o projecto por mim delineado para abertura da alameda perpendicular ao Monumento até o córrego do Ypiranga, bem como o projecto das ruas, praças e jardins para povoação d'aquella localidade²³.

Nesse mesmo ano Bezzi solicitou ao secretário do Interior o uso de uma sala grande para poder trabalhar na execução da maquete do monumento. O pedido foi feito por carta com data de 20 de junho, justificado pelo fato de que o trabalho conduzido de sua residência apresentava-se impraticável²⁴. Uma carta

da Escola Politécnica, datada de 30 de agosto de 1889, declara que Bezzi trabalhava naquela escola em uma sala do gabinete de arquitetura, confeccionando o modelo da maquete²⁵. Esta permaneceu muitos anos no edifício da Escola Politécnica e formou parte do acervo do seu Museu de Arquitetura, conforme pode ser visto nas publicações de época da *Revista Politécnica*²⁶.

Poucos dias depois, os desdobramentos políticos no País levaram à Proclamação da República. Estes eventos provavelmente devem ter regado ainda mais de incertezas as esperanças plantadas por Bezzi, no que se referia à conclusão das obras como este havia concebido.

A comissão, ainda organizada e lutando para continuar trabalhando e existindo, convidou os senhores coronel Mursa e Rangel Pestana, na qualidade de membros do governo provisório, a visitarem as obras no Ipiranga que já há muito dominavam o horizonte. Restava adequá-las a um fim útil ao novo regime. Ao que parece pela dedicação do repórter do *Diário Popular*²⁷ dispensada ao evento evidenciada em seu artigo, a comissão governamental estava feliz e impressionada com os resultados alcançados até o momento, não faltando discursos, elogios e recíprocas e simpáticas saudações²⁸.

Em 1889, o panteão de Bezzi já atingia sua altura total e dele se vislumbrava a capital da província. Os elogios a Bezzi não cessavam, partindo tanto da imprensa quanto de ilustres personagens da Corte, da província de São Paulo e das Letras.

Neste mesmo ano esteve no Brasil e, em São Paulo, o geógrafo Elisée Reclus,²⁹ dando continuidade a seus estudos de geografia pelas Américas. Em seu trabalho *La nouvelle Géographie Universelle*, citou nominalmente o arquiteto Bezzi e o Monumento à Independência como “o edifício mais importante e a mais bela obra de arquitetura do Brasil”. Estes comentários registram internacionalmente a obra de Bezzi e compuseram os estudos que o geógrafo dedicou ao Brasil, curiosamente registrando também a necessidade de se terminarem as obras de ornamentação do Monumento³⁰.

A respeitada palavra de Reclus foi lembrada muitas vezes, e reproduzida na imprensa carioca e paulista, quando estas se reportavam ao Monumento à Independência e às qualidades do arquiteto italiano. Esta repercussão dar-se-ia, no entanto, somente por volta de 1895, ano da inauguração do Museu Paulista.

Em 1889 a escadaria principal interna, confeccionada em mármore vindo da Itália, já se encontrava montada tendo sido descrita no atento acompanhamento do repórter do *Diário Popular*, por ocasião da visita das autoridades representantes do governo provisório. Já era possível observar a beleza interna do edifício. Surgiram então novas descrições, além das anteriores dedicadas apenas ao exterior e à análise do modelo em gesso.

Em uma visita ao Monumento um repórter assim o descreveu:

É escusado dizer que se achava presente o engenheiro Tommaso Bezzi, auctor do projecto e director das obras, e mais o engenheiro Luiz Pucci, empreiteiro das mesmas. Bello e sumptuoso é em verdade o grande edificio em cuja construcção se trabalha desde 1884 e que, como architectura, passa tudo o que se tem feito até hoje no paiz, e egual o que ha de mais moderno no mesmo genero na Europa. De facto, quasi concluido, pois com mais alguns mezes de effectivo trabalho poderá ser entregue ao governo, não é com simples vista de relance, como a de hoje, que se pode dar, ainda mesmo a traços largos, idéa approximada do que elle vale como monumento de arte.

25. Documento da Escola Politécnica de 30 de agosto de 1889, (pasta P1) — Coleção Bezzi, SVDHICO do MP-USP.

26. Consta na Revista Politécnica de junho/julho de 1905 na p. XXVI, a foto de uma exposição de projetos e desenhos, onde figura, imponente, o modelo em gesso do monumento de Bezzi.

27. Visita ao Monumento do Ypiranga, *Diário Popular*, São Paulo 3 de dezembro de 1889.

28. Uma outra versão, noticiada no *Correio Paulistano* de 12 de julho de 1890, tornou público que na visita os membros do então governo provisório, se manifestaram contrariamente ao projeto e exigiram que o engenheiro chefe das obras apresentasse, no prazo de 30 dias, um relatório e orçamento para fechar o edifício nas condições em que se encontrava, e outro para poder colocar os custos dos complementos para a conclusão da obra. Convém lembrar que, por volta de julho de 1890, o governo se manifestou contrário às loterias do Ypiranga, e o tesouro nacional deveria convidar a comissão a prestar contas e esclarecimentos das disposições e regulamentos adotados. Rangel Pestana, sempre utilizando de muita política no trato com seus adversários monarquistas, foi sempre contrário ao monumento. É interessante notar esta questão do trato político que, conforme publicou o *Diário Liberal* (São Paulo) em 28 de março de 1885, por ocasião da solenidade de inauguração das obras do

Monumento do Ipiranga, realizada em 25 do mesmo mês, que “[...] falou também, por parte da imprensa da Capital, o Dr. Francisco Rangel Pestana, representante do jornal *A Província de São Paulo*, saudando a Comissão do Monumento do Ypiranga e especialmente a Comissão de Obras”.

29. Jean-Jacques Élisée Reclus (1830-1905) – Geógrafo, escritor e anarquista francês. Educado em colégio protestante, estudou geografia em Berlim. Defensor de idéias republicanas, foi obrigado a deixar a França em 1851 e viajou por muitas partes do mundo, inclusive pelas Américas. Participou da Comuna de Paris e foi banido de seu país, indo viver na Suíça e na Bélgica.

30. “Tôt ou tard la population se dirigera vers le beau palais d’Ypiranga, qu’édifie, sur la croupe d’un cône, l’architecte italien Bezzi en mémoire du serment d’indépendance que jura l’empereur Pedro I; mais l’édifice important; la plus belle œuvre architecturale du Brésil, reste encore vide, attendant les fresques, les tableaux, les statues, qui en feront un jour le Panthéon brésilien.” Esta passagem pertence ao tomo XIX – capítulo II, 375, e foi extraída do número 1 da *Revista do Museu Paulista* de 1895. Talvez Bezzi tenha mantido contatos diretos com Reclus, porém não há registros deste fato na ampla documentação deixada pelo arquiteto.

O edifício em si, segundo o plano, não está concluído, mas quasi concluída a parte que tem estado em obras, – 329 metros de perímetro, com 123 metros de fachada e 32 da base ao alto, o ponto central da construção.

Quem vê de longe o Ypiranga, dominando os horizontes, de pé, no dorso da legendaria collina, não pôde sequer calcular a sua extensão, a sua magestade, a harmonia correcta das linhas em myriadas de curvas e angulos, o paciente e minucioso trabalho dos rendilhados, bella philagrana de cimento e cal, a dobrar-se como uma luva pelas cimalthas externas e internas, numa obediencia admiravel, numa symetria que se impõe, numa variedade seductora de arabescos e traços, pequenas molduras, altos e baixos relevos, aqui uma folha de acantho, alli um florão traçado pela phantasia, mais um ornato, mais uma cannelura, mais uma frisa, redundando tudo num esplendido microcosmo de rectas e curvas, altos e baixos, traçados pelas leis da geometria, do desenho, da esthetica em geral, para a alegria dos olhos e para o justo orgulho do illustrado engenheiro dr. Tommaso Bezzi.

Ao chegar em frente ao edificio, sente logo o visitante e em primeiro logar a volumosa impressão daquella grandeza serena, impassivel, suggerida pela feição nobre e magestosa do monumento. Estranha a gente sobretudo a ausencia do sentimento do peso, tão commum deante da architectura que pullula por ahí, repetindo a cada momento os aleijões pavorosos que formam a teratologia da arte.

Em baixo e em cima as janellas se alinham aos olhos do expectador, como que fugindo para os lados, diminuindo a pouco e pouco nas linhas de um grande angulo que fecha, segundo as leis da perspectiva, cada uma dellas com as suas quatro columnas internas, duas a duas flanqueando os portaes. Fóra, admiravelmente vasadas, erguen-se as grandes columnas, dando ao todo um aspecto de luxuosa elegancia.

O atrio, vasto e imponente, tem quatro ordens de columnas, de 6 cada ordem, estylo jonico, e logo adeante estende-se lateralmente uma vasta galeria de cerca de 90 metros, ladeada de columnatas, encimada de arcarias, banhada da grande luz do dia, que entra pelas janellas, numa abundancia esmagadora. Esta galeria tem a sua correspondente no andar superior.

Em baixo, adeante das columnas do atrio, abre-se, toda de marmore, e em blócos inteiriços, feita na Italia, bellissima escadaria cujo trabalho e polimento seduzem o olhar, que se esquece sobre aquella obra de arte. Só esta escadaria está em cerca de 60 contos de réis.

O mais são os commodos lateraes, espaçosos e arejados, vastos salões cheios de luz, apropriados ao fim que primitivamente se tinha em vista. Tudo alli é feito com o mais escrupuloso cuidado, e os visitantes tiveram realmente a surpresa de vêr talvez o que não esperavam como obra de arte. Essa foi pelo menos a nossa impressão.

O panorama que de lá se vê, desdobrando-se por todos os lados, é enorme, e nelle succedem-se as varias bellezas do nosso clima, desde o humilde canto da relva que verdeja pelo valle do Tamanduatehy, ilhada de pequenos bosques, até a ondulação preguiçosa dos terrenos que vão subindo, subindo até aos topos longinquos da Cantareira³¹.

Em abril de 1890 foi publicado que estavam encerradas as obras do Monumento³². Obviamente o fato ocorreu a contragosto de Bezzi, que muito desejava concluir sua obra.

O edificio continuava sendo visitado por pessoas ilustres, entre elas D. Enrique Moreno, diplomata argentino, que afirmava que do ponto de vista de beleza arquitetônica, o Monumento do Ipiranga era o primeiro da América do Sul³³.

Surgiu então a possibilidade de ser realizada em São Paulo a Exposição Continental que previa a utilização do edificio-monumento. Este fato gerou novas especulações e intrigas que agitaram os sentimentos do arquiteto italiano.

Os interessados na realização da exposição e a imprensa tinham opiniões contraditórias sobre o local mais apropriado para o grande evento, e se dividiam entre a eleição da Várzea do Carmo, área problemática e de terreno não muito favorável, e as colinas do Ipiranga, que eram de admirável beleza, salubres como nenhum outro local, e que já possuíam um edificio construído³⁴. A

utilização do palácio de Bezzi estava nos planos de uma nova comissão, desta vez designada para a Exposição Continental. A exposição contava, em seu planejamento e organização, com a ajuda do competente engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo³⁵. Mas a utilização do Monumento à Independência do Brasil para esses acontecimentos não estava nos planos de Bezzi.

Rapidamente se fizeram notar nos meios sociais e políticos interesses ligados à questão da Exposição Continental e à definição do local onde esta deveria se desenvolver. Muitos eram favoráveis à extensão das atividades até a colina do Ipiranga, outros desejavam que fossem solucionadas as questões ambientais da Várzea do Carmo.

A higienização e urbanização da região eram de vital importância para a cidade.

Foi então que em 23 de outubro de 1890 formou-se um *meeting* popular, ao qual compareceram cerca de 2.000 pessoas, e Eduardo Chaves e Alfredo Pujol, entre outros. Reunidos, demonstraram o interesse da população em fazer a Exposição Continental restrita apenas à Várzea do Carmo, pois estava aí incluído interesse popular na solução dos problemas de saneamento. Deste *meeting* redigiu-se uma moção que foi entregue ao governador do Estado. A moção considerava que o Ipiranga poderia vir a prejudicar o evento por encontrar-se muito distante da cidade, e além do mais temia-se que o grande interesse especulativo de compras de terreno, problema ainda não resolvido pela Comissão do Monumento naquela região, viesse a comprometer a exposição e trazer “lucro fabuloso” a “meia dúzia de pessoas”³⁶.

Alfredo Pujol era veementemente contrário à idéia de se levar a exposição até o Ipiranga, pois via nisto o grande desejo especulativo de alguns oportunistas³⁷.

No entanto, essas manifestações não surtiram efeito junto à Comissão Continental, pois em seguida, no dia 26 de outubro, estavam em São Paulo muitos convidados vindos da capital federal, do Estado, da cidade de São Paulo, bem como autoridades estrangeiras, presentes para as festas de inauguração dos trabalhos da Exposição Continental. Esta teve seu início com a inauguração no centro da capital paulista, precisamente no Largo de São Francisco, do monumento em homenagem a José Bonifácio³⁸, a primeira estátua em logradouro público de São Paulo³⁹. As cerimônias continuaram e todos foram ao Ipiranga onde ali se daria futuramente uma das seções da Exposição Continental.

Finda essa cerimonia, realizarão-se outras no ponto em que está o monumento do Ypiranga.

No grande pateo em frente ao vistoso monumento estava o 9º. regimento de cavallaria e a bateria de artilharia.

Em carros, bonds, a cavallo e apé forão os assistentes para o lugar, legua e meia distante da cidade.

No edificio, com acquiescencia da comissão encarregada da sua construcção, segundo declarou o conselheiro Leoncio, foi inaugurada uma secção da exposição, secção a respeito da qual, segundo tenho ouvido, só depois se tomará definitiva resolução.

A Companhia de Transportes offereceu depois uma profusa mesa aos visitantes e antes de concluir-se pronunciou o Sr. conselheiro Leoncio um discurso no qual declarou que os iniciadores da idea contavão com o concurso de todos lembrando que essa exposição, que era nacional, muito havia de concorrer para o engrandecimento e unidade do Brazil. Fallou em seguida o tenente-coronel Rocha, activo auxiliar da comissão, fazendo o Sr. Barão de Ramalho o brinde de honra ao General Deodoro.

31. Visita ao Monumento do Ypiranga, *Diário Popular*, São Paulo 3 de dezembro de 1889.

32. Monumento do Ypiranga, *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 de abril de 1890. O fato também foi noticiado pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro em 6 de maio de 1890.

33. D. Enrique Moreno, *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de setembro de 1890; Monumento do Ypiranga, *Diário Popular*, São Paulo 29 de setembro de 1890.

34. Exposição Continental, *O Mercantil*, São Paulo, 19 de outubro de 1890.

35. *Factos e feitos*, *Correio Paulistano* de 24 de outubro de 1890.

36. Meeting, *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de outubro de 1890.

37. Secção Livre, *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de outubro de 1890.

38. Exposição Continental, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1890.

39. O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro de 27 de outubro exalta com admiração a Exposição Continental, título de seu artigo neste dia. Relata a inauguração da estátua em homenagem a José Bonifácio e o caráter empreendedor dos paulistas: “... Cada visita a esta capital é motivo para admirar a actividade, o genio empreendedor e o bom gosto de seus habitantes: augmenta de dia para dia

e estão em construção bellos edificios que substituem velhas casas. Embora seja dia de festa vê-se que ha grande animação no commercio e por todos os pontos se vêem fabricas.”

40. Exposição Continental, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1890. A notícia corresponde aos acontecimentos do dia 26 de outubro daquele ano. Outros jornais de São Paulo também acompanharam os eventos.

41. Havia, desde o início das demarcações da área destinada ao monumento, contendas envolvendo invasões das terras do governo, conforme notificou Bezzi por inúmeras vezes à comissão. A propriedade das terras era reclamada pelo Sr. José Vicente de Azevedo, grande proprietário de terras e eminente político da Província, que também se utilizava de artifícios como a construção de um “asilo de meninas órfãs”, de um possível liceu de artes e ofícios e do serviço de bondes já existentes para a criação da Vila de São José, “passagem obrigada entre Ypiranga e Villa Mariana e presta-se a tornar-se um ponto encantador para residencia, possuindo todas as condições da melhor hygiene, sobretudo por se achar abrigada, pela privilegiada disposição topographica, dos ventos sul e noroeste, que, como se sabe, são em S. Paulo sobremaneira incommodos e anti-saudaveis”. Foi assim noticiado pelo *Correio Paulistano* em 31 de outubro de 1890. Pode-se acrescentar à questão da

Depois desta servirão-se outras mesas, nas quaes se fizeram muitos brindes.

É na verdade um sumptuoso monumento o edificio construido no Ypiranga e que está quasi concluido; já ha tempos dei delle a descripção, mas não posso de consignar que está feito com a maior solidez e perfeição e que uma tal construção faz honra ao Sr. Bezzi, engenheiro architecto que o planejou e dirige, e á commissão encarregada de dirigir a sua construção e da qual fazem parte os Srs. Barão de Ramalho e coronel Rodovalho.

Depois dirigirão-se todos para um barracão collocado no centro do extenso terreno em frente ao edificio, e ahi o Sr. conselheiro Leoncio declarou que o proprietario do antigo terreno do Cambucy, hoje Villa Deodoro, o encarregára de communicar ao Sr. Dr. Hermes, representante do General Deodoro, que offerencia de suas terras o ponto que fosse escolhido para o edificio de uma obra para alguma instituição pia e dedicada á mãe do Sr. Chefe do Governo, senhora cujo patriotismo ficou bem assignalado durante a campanha do Paraguay. Disse depois que a Companhia de Transportes deliberará mandar levantar proximo ao monumento que recorda o Sete de Setembro outro que recordasse 15 de Novembro, em que o Brazil entrára no convívio das nações americanas, passando do regimen, embora constitucional, para o republicano e pediu ao Dr. Hermes para bater a pedra⁴⁰.

A descrição da cerimônia ocorrida faz perceber que de nada adiantaram os protestos públicos contrários às possíveis especulações que ocorreriam na região da colina do Ipiranga⁴¹. Muito menos os protestos de Bezzi, contrários à utilização do edifício-monumento para a futura exposição. Neste episódio ficou documentado pela imprensa que a Comissão do Monumento, na figura do barão de Ramalho, estava de acordo e que havia autorizado a inclusão do monumento como parte da Exposição Continental. Bezzi teve seu nome muitas vezes citado pela imprensa e sua obra muito elogiada; não foi, no entanto, convidado para os festejos da exposição.

Foi então que, poucos dias depois das festas da Exposição Continental e de suas repercussões na imprensa, publicou-se e reproduziu-se, em muitos jornais, a descrição do padre Senna de Freitas sobre o monumento:

O monumento do Ypiranga, que, segundo consta, deve fechar um dos pontos extremos da futura Exposição Continental, coroa uma das mais risonhas collinas que cingem São Paulo. Tendo sido principiada a sua construção no anno de 1884, se bem me recordo, offerece já hoje um corpo architectonico imponentissimo, embora não esteja por ora concluido o monumento na extensão total representada pela sua planta. Convém não perder isto de vista, no juizo que se faça acerca da parte terminada.

Méde actualmente um perímetro de 320 metros de comprimento: frente, 123; fundo 17; devendo elevar-se a 58, quando concluido o edificio, o qual então offerecerá a fórma de um E maiusculo, deitado, composto de cinco torreões ou corpos salientes.

Por ora, vem-se apenas tres, um ao centro e dois nas extremidades da haste principal do E.

O estylo adoptado pelo notavel architecto italiano, o sr. dr. Bezzi, a quem foi confiada a construção do monumento, é o da Renascença pura, e incontestavelmente um admiravel exemplar do referido estylo. Ao longe, a sua vista não impressiona como ao perto porque só se pôde julgar do conjuncto harmonico que é perfeito, mas não da extrema elegancia, delicadeza e variada opulencia das linhas ornamentaes da fachada, o que produz uma impressão muito mais viva e grata.

De facto, quando o visitante chega em frente d’aquella fabrica architectnica, sente para logo em si uma d’essas emoções, nunca frequentes mas sempre deliciosas, que se experimentam ao conspecto das esplendidas manifestações da arte.

É uma epopeia de pedra e cimento, na qual a perfeita unidade do estylo representa a unidade de pensamento, as grandes divisões os livros, e as columnatas, as arcarias, as cimalthas, os baixos relevos representam as estancias. Nota-se aqui, sem custo, a sciencia e a riqueza de decoração, que são talvez o principal caracter da Renascença, d’essa bella e intelligente Renascença artistica, tão caluniada, pela petulancia ignara, e que tão graciosamente soube alliar as linhas da arte christã da idade media com o classicismo

hellenico, conservado para todos os seculos pelos trabalhos graphicos de Vitruvio, Brunelleschi, Alberti, Palladio, Vignola, o verdadeiro criador da Renascença eclectica. O que mais me surprehe de no exame da fachada do Ypiranga, é que o habilissimo architecto tivesse podido multiplicar prodigamente os ornatos esculpturaes sem prejudicar por modo algum a perspectiva ligeira do conjuncto, o que é, ou pelo menos se antolha ao meu senso profano, um dos grandes *tours de force* da architectura.

Do fundo geral d'essa linda cor de jade do edificio, onde descança a vista como n'um bello raio reflectido de luz solar, destacam-se numerosos fustes, enrolam-se nos capitéis as volutas, vergam-se os acanthos, bojam os baixos relevos, obedientes aos mais delicados contornos do artista, sorriem as filigranas labyrinticas, desenham-se os arabescos caprichosos, formam pingente os florões ou articulam-se em grinaldas que correm ao longo da cimalha, juxtapõem-se como reticencias de um manuscripto de pedra, as pequenas borlas do entablamento, fazem hombro os modilhões por baixo das cornijas magestosas; e tudo em correctissima harmonia com as regras exigentes do estylo preferido, em seus logares fixos, nas dimensões proprias, sob o esquadro da geometria, sob a curva rigorosa do compasso, as intransigencias do bom gosto, e a concepção ideal da Esthetica, revelando uma paciencia suprema de execussão, e uma intenção energica do architecto, a cujos pés da natureza se entrega docil, mais do que docil, agradecida. O atrio compõe-se de 24 columnas da ordem jonica e do mais fino marmore branco. Os lados dão entrada para carros, por meio de duas rampas exteriores em comunicação directa com as portas lateraes do atrio, podendo-se entrar por uma e sair por outra. A escadaria é toda de marmore Ravaccione. Consta de 17 degraus, largos e espaçosos, que morrem em um vasto patamar, de portas desafogadas. É este o patamar da entrada principal de todo o monumento. Na base e cimo da escada vem-se os plinths destinados a receberem estatuas de notabilidades brasileiras, ou grandes candelabros de bronze. Nada mais elegante, mais monumental, principesco, e de uma luz mais artistica e alegremente esbatida, que o atrio e escadaria do monumento. Pura e simplesmente uma obra prima como as que o são nas primeiras cidades da Europa. Duas galerias da extensão de 90 metros, pouco mais ou menos, se sobrepõem, sendo a primeira no pavimento terreo. São constituídas por arcadas e abobadas em *calotta*, destinadas na sua forma espherica a fazel-as parecer menos altas. Maravilhou-me a soberba ordem de columnas do pavimento superior. São todas do estylo corynthio, modificadas, ao que parece, segundo as exigencias do plano geral do edificio, isto é, em *binatos* de columnas, e apresentando uma cornija architravada.

Pilastras exteriores supportam o entablamento da galeria. Os capiteis são de folhas de *oliva*. Atravez de todos esses capiteis, fustes, astragalos, pedestaes, cornijas, caneluras, arcarias, medalhões, se está revelando um aprimorado pacientissimo de execução que desafia a critica dos mais difficeis, e que, combinado com uma luz mediana, habilmente calculada, forma uma especie de concerto musical de linhas architectonicas, onde reina inspiradora, para os olhares do observador, a alma da arte, glorificando a mais bem escripta pagina das suas memorias de granito.

O monumento por ora tem salas, ou antes uma só, o salão de honra, consagrado a receber o grande quadro parietal, commemorativo do facto épico, que teve por local a planicie do Ypiranga. As restantes salas são mais quartos de encher do que salas, nem merecem menção alguma. A impressão, portanto, que a divisão dos aposentos do edificio apresenta, não é agradável e o espirito a si mesmo interroga naturalmente: 'mas que se fará de um palacio que parece ser simples exhibição magnifica de architectura?'

N'este ponto discordo um pouco das apreciações que por muitas vezes se tem feito, porque em primeiro logar o monumento ainda não está concluido; faltam-lhe duas azas, que, divididas por salas vastas, se podem prestar com toda a facilidade para um museu ou para uma academia; em segundo logar, porque não ha direito de exigir que o edificio seja alguma cousa mais do que aquillo que determinou a sua construcção, um monumento, do grito 'independencia ou morte.'

Ora isto já elle o é ou se-o-ha, desde que a famosa tēla commemorativa fôr collocada no salão magestoso que a espera. O governo da ex-provincia paulista mandou levantar abobadas que a ensombrassem e lavrar uma urna de columnas e admiraveis rendilhados que a encerrassem. Tanto basta à historia e a arte.

Padre Senna de Freitas⁴².

propriedade destas terras no Ipiranga que: "sem data precisa, as terras eram de propriedade do Dr. Vicente de Azevedo e dos herdeiros de Antonio de Moraes. Pela limitação dada por Raffard, uma parte das terras de Vicente Azevedo fariam parte da Colônia. A minudência é importante, porque a partir de 1900 ele aparece como dono de quase toda área atual do bairro do Ipiranga". In: Roney Bacelli e Máximo Barro. *Ipiranga*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1974. p. 56. (História dos bairros de São Paulo, v. 14). Convém lembrar que de suas origens, um lugar ermo, distante da capital da Província, "terra ruim, local de gente também ruim e desonesto," foi vislumbrada, com a definição da área e depois com a construção do Monumento à Independência da Pátria, como uma terra de grandes possibilidades de negócios.

42. O Monumento da Independencia ou Morte, *O Mercantil*, São Paulo, 6 de novembro de 1890.

Sem dúvida alguma há descrições, principalmente realizadas por viajantes, como esta do padre Senna de Freitas, notáveis pela sua sensibilidade.

43. Encontramos referências a Bezzi e o edifício-monumento em: LEVASSEUR, E. *Le Brésil*. Paris: H. Lamirault et Cie., 1889; LOMONACO, Alfonso, Al Brasile, Milano, Leonardo Vallardi, Dott, 1889, p. 120; D'ATRI, Alessandro. *Interviste Brasiliane*, Nápoles, 1894; MACOLA, Ferruccio. *L'Europa alla conquista dell'America Latina*. Veneza: Ferdinando Ongania Edit., 1894, p. 391; *REVUE du Brésil*, Paris, 1er. année, 1896; *ALMANACCO dell'Fanfulla*, São Paulo, 1898; FERRERO, Gina Lombroso, *Nell'America Meridionale*, Roma, 1908. Podemos relacionar ainda as obras abaixo onde encontramos algumas citações e registros. Relação esta encontrada na obra de Silva Bruno: AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo*. Edição Saraiva, 1957; BERTARELLI, Ernesto. *Il Brasile meridionale*. Roma: Tipografia Editrice Nazionale, 1914; DENIS, Pierre. *O Brasil no século XX*. Milão: Enrico Reggiane, 1911; FANUELE, Nicolau. *Il Brasile*. São Paulo, 1910 (sem registro editorial); FORREST, Archibald. *A tour through South América*. Londres: Stanley Paul & Co., 1913; GAFFRE, L. A. *Visions du Brésil*. Paris: Francisco Alves & Cia. e AillaudAlves, Rio de Janeiro e Paris, 1912; MOTA, Cássio. *Cesário Mota e seu tempo*. São Paulo, 1947, (sem registro editorial); PINTO, Manuel de Souza. *Terra moça, impressões brasileiras*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores, 1910; RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo: Bi-

Tal sensibilidade trouxe à tona a intenção primeira de Bezzi, de objetivamente construir um panteão em comemoração a uma data de suma importância para a história brasileira. O uso destinado ao edifício talvez nem tenha sido questão levantada a princípio por Bezzi, pois o objetivo estava definido já na sua essência. Senna de Freitas parecia antever um uso adequado quando falava em torná-lo museu. Foi notável também a repercussão internacional que conquistaram tal obra e seu autor⁴³.

Infelizmente não foi possível encontrar os desenhos originais realizados por Bezzi para o edifício-monumento, que muitos puderam observar naquela época.

Quando visitammo lo studio del cav. Bezzi per ammirare il bozzetto del monumento, notammo pure la massa enorme di disegni che occorsero per quella gran mole. Il cav. Bezzi disegnò tutta l'opera nei suoi più minuti particolari, in varie proporzioni e finalmente in grandezza di esecuzione, ciò che dimostra, se mai ve ne fosse bisogno, tutta la perizia di quest'artista che con tanto amore e tanta arte seppe dar vita ad un ammasso di pietre⁴⁴.

Bezzi retornou à cidade do Rio de Janeiro e retomou suas atividades profissionais. Acompanhava, a distância, a trajetória do edifício e não se pronunciava mais a respeito dos acontecimentos divulgados pela imprensa, que sempre citava sua obra como parte de itinerário obrigatório de viajantes ao Brasil.

Bezzi faleceu aos 71 anos, em 23 de maio de 1915, na cidade do Rio de Janeiro.

Anos mais tarde, o Instituto Central de Architectos do Rio de Janeiro, em reunião de abril de 1932, deliberou solicitar ao diretor do Museu Paulista, Affonso d'E. Taunay, a recolocação no edifício-monumento da placa de mármore onde consta o nome do arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi como "autor dos planos da grandiosa obra architectonica"⁴⁵.

Em 13 de janeiro de 1999 o edifício-monumento foi tombado como patrimônio arquitetônico de valor histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

FONTES

Coleção Bezzi - Museu Paulista

BEZZI, Tommaso Gaudenzio. *Especificações, preços e condições para acompanhamento das obras do Monumento do Ypiranga*. 27 de agosto de 1883.

BEZZI, Tommaso Gaudenzio. *Memorial sobre a Rescisão dos contractos do Engenheiro Bezzi referentes ao Monumento do Ypiranga*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1905.

CARTA de Bezzi ao Secretário do Interior de 20 de julho de 1889 (pasta 1).

CARTA de Luigi Pucci a Bezzi de 28 de julho de 1889 (pasta 1).

CARTA manuscrita de Bezzi ao Barão de Ramalho em 14 de agosto de 1886.

CARTA manuscrita de Bezzi ao Barão de Ramalho de 19 de agosto de 1889 (pasta 4).

DOCUMENTO da Escola Politécnica de 30 de agosto de 1889 (- pasta P1).

Outras fontes

REVISTA Politécnica. São Paulo, jun./jul. 1905.

REVISTA do Museu Paulista. São Paulo, Museu Paulista, 1895.

CRÔNICAS do Museu Paulista. 1894/1921. Setor de Documentação do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Acervo particular de Maria Helena Bezzi.

Foram pesquisados inúmeros documentos originais, fotografias, recortes de jornais e a biblioteca de Bezzi.

biblioteca da Academia Brasileira de Letras, 1977. v. 4; WRIGTH, Marie Robinson. *The new Brazil*. Londres: George Barrie & Son, [s.d.]; Ver ainda: Ernani Silva Bruno, *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes/1553 - 1958*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1981.

44. *Almanacco dell Fanfulla*, editado em São Paulo em 1898.

45. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1932. Coleção Bezzi, Setor de Documentação do MP-USP.

REFERÊNCIAS

ALMANACCO dell Fanfulla, São Paulo, 1898.

BACELLI, Roney; BARRO, Maximo. *Ipiranga*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1974. (História dos bairros de São Paulo, v. 14).

BOLETIM — S.A. o sr. Conde d'Eu. *Correio Paulistano*, 27 de março de 1889.

CORREIO Paulistano, 19 de novembro de 1886.

CORREIO Paulistano, São Paulo, 12 de julho de 1890.

DIARIO Liberal, São Paulo, 28 de março de 1885.

D. ENRIQUE Moreno. *Correio Paulistano*, 24 de setembro de 1890.

ELIAS, Maria José. *Museu Paulista: memória e história*. 1996. 473 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1996.

ELIAS, Maria José. Referências biográficas. In: ÀS MARGENS do Ipiranga 1890-1990. Catálogo da Exposição do Centenário do Edifício do Museu Paulista da USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990.

ESSENCIALMENTE brasileiro. *A Província de São Paulo*, 4 de dezembro de 1887.

EXCURSÃO Imperial. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1886.

EXPOSIÇÃO Continental. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1890.

EXPOSIÇÃO Continental. *O Mercantil*, São Paulo, 19 de outubro de 1890.

FACTOS e Feitos. *Correio Paulistano*, 24 de outubro de 1890.

GLI Italiani al Brasile. São Paulo, 19 de novembro, 11 de dezembro de 1886 e 15 de fevereiro de 1887.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1932.

MEETING. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de outubro de 1890.

O MONUMENTO da Independencia ou Morte. *O Mercantil*, São Paulo, 6 de novembro de 1890.

IL MONUMENTO d'Ypiranga ed il cav. ing. Tommaso Bezzi. *Corriere D'Italia*, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1886.

MONUMENTO do Ypiranga. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 de abril de 1890.

MONUMENTO do Ypiranga. *Diario Popular*, São Paulo, 29 de setembro de 1890.

MONUMENTO do Ypiranga. *Diário Popular*, São Paulo, 29 de outubro de 1885.

MONUMENTO do Ypiranga. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1886.

MONUMENTO. *La Voce del Popolo*, Rio de Janeiro, 12 fevereiro de 1887.

ONORE al mérito. *Corriere D'Italia*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1887.

O PALACIO-Monumento do Ypiranga. *Diário Popular*, São Paulo, 22 de novembro de 1886.

SECÇÃO Livre. *Correio Paulistano*, 24 de outubro de 1890.

TAUNAY, Afonso d' E. *Guia da Secção Historica do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Official do Estado, 1937.

TEIXEIRA, Mucio. Viagem Imperial. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1886.

TELEGRAMMAS. Rio, 2, às 4,55, *Diario Mercantil*, São Paulo, 5 de agosto de 1889.

VIAGEM de Suas Altezas. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1884.

VIAGEM Imperial. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1886.

VISITA ao Monumento do Ypiranga. *Diario Popular*, São Paulo, 3 de dezembro de 1889.

VITRUVIO, Marco Lucio. *Los diez libros de arquitectura*. [S.l.]: Editorial Iberia, 1986.

WITTER, José Sebastião. Museu do Ipiranga. In: BARBUY, Heloisa (Org.). *Museu Paulista: um monumento no Ipiranga* (História de um edifício centenário e de sua recuperação). São Paulo: Federação e Centro das Industrias de São Paulo, 1997.

Artigo apresentado em 8/2003.

O Monumento à Independência – Registros de arquitetura

José Costa de Oliveira Filho

Graças ao cuidado do arquiteto Tommaso Gaudencio Bezzi (1844-1915), em arquivar documentos e inúmeros artigos de jornais relacionados às questões que envolviam diretamente sua pessoa e o Monumento à Independência do Brasil, nos foi possível realizar um resgate de fatos relevantes ao entendimento do edifício-monumento por ele concebido. Muitas descrições de época nos possibilitam visões tanto da representatividade da obra e suas repercussões na sociedade paulistana quanto do trabalho e atividades do arquiteto. Neste sentido o texto reproduz artigos veiculados nos principais jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro no final da segunda metade do século XIX. São artigos que descrevem a obra naquele momento histórico e que valorizam a atividade do arquiteto, nos recordando a importância e complexidade da arquitetura como produção artística. “[...] *Os alicerces e o pavimento terreo estão já construídos. O tijolo, de textura homogênea e grande dureza, é trabalhado à mão, fazendo-se nelle, como se fôra ficar a descoberto, todas as molduras com uma perfeição de que só tem o segredo os operários italianos. Trabalham na obra cento e tantos operários, numero que mais tarde deve augmentar, quando a distribuição do serviço o permitir. Um plano inclinado, de grande extensão e movido por vapor, leva os materiaes ao alto do morro. Espera-se que seja o escultor Bernardelli o encarregado de modelar a estatua de D. Pedro I e as outras que hão de decorar o edificio, que se poderá, dentro em pouco, apreciar pelo modelo em relevo, que esmeradamente está fazendo o Sr. Bezzi.*”

PALAVRAS-CHAVE: Museu.Arquitetura. São Paulo. Museu Paulista.
Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 10/11. p. 127-147 (2002-2003).

The Monument to Independence – Architectural registrations

José Costa de Oliveira Filho

Thanks to the care of the architect Tommaso Gaudencio Bezzi (1844-1915) in filing documents and countless newspaper articles related to the matters that involved himself directly and the Monument to Brazil's Independence, it was possible for us to rescue relevant facts to the understanding of the monument-building conceived by him. Many descriptions of that time enable us to have visions as much of the power of representation of the work and its repercussions on the city São Paulo's society as in the work and activities of the architect.

In this sense the text reproduces articles published in São Paulo and Rio de Janeiro's main newspapers in the end of the second half of the 19th century. The articles describe the work in that historical moment and valorize the architect's activity, reminding us of the importance and complexity of architecture as an artistic production. “[...] *The foundations and the ground floor have already built. The brick of homogen texture and great hardness is handmade, making on it, as if it was to be uncovered, all the moldings with a perfection whose secret only the Italian workers have. Hundreds of workers are in the labor, a number that should increase later when the distribution of work allows for that. An inclined plan, of great extension and powered by steam, takes the material to the top of the hill. It is expected that the sculptor Bernadelli is the responsible for moulding the statue of D. Pedro I and the others that shall decorate the building, which should, in a short time, be appreciated by the model in relief, which is carefully making Mr. Bezzi.*”

KEYWORDS: Museum. Architecture. São Paulo. Museu Paulista.
Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 10/11. p. 127-147 (2002-2003).

Obras desconhecidas de Miguelzinho Dutra

Ruth Sprung Tarasantchi

Trata-se da apresentação de catorze aquarelas e Miguelzinho Dutra desconhecidas do público e dos pesquisadores. Estas imagens vêm complementar o repertório de imagens produzidas pelo pintor existentes no Museu Paulista da USP.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção. Paisagem. Pintura.
Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 10/11. p. 149-166 (2002-2003).

Miguelzinho Dutra's unknown works

Ruth Sprung Tarasantchi